

Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra

Esta boa terra de Portugal não tem sido sáfara para as artes, como se afigura a muita gente que se não quer dar ao trabalho de investigar os documentos comprovativos d'aquella asserção.

O progresso e esplendor das artes são, em todos os tempos, o effeito natural do desenvolvimento da civilisação dos povos. Nenhuma nação se enrobustece e aperfeiçoa em suas condições sociaes, sem que ao mesmo tempo n'ella se desenvolva o amor das artes, diligenciando attingir a perfeição.

Em duas epochas não muito distantes entre si, mostraram os portuguezes, por mil acções de heroismo e de amor da patria, terem adquirido aquella energia, actividade e força de vontade, que fazem as nações poderosas, florescentes e civilisadas.

Não é necessario pôr aqui datas, certamente, para

que os nossos leitores saibam que alludimos aos reinados de D. João I e de D. Manuel; epochas brilhantissimas da nossa historia, a primeira pelo vigor e espirito liberal que imprimiu nas instituições, e pela iniciativa que tomou nos commettimentos d'além-mar; a segunda pelo modo por que levou a cabo a arrojada empreza do descobrimento da India, já anteriormente projectada, e pelo esforço e felicidade com que sujeitou ao sceptro de nossos reis tantas nações e tão differentes mares, que transformaram Portugal em um dos maiores imperios dos tempos modernos.

Foi, portanto, n'esses dois periodos que os artistas portuguezes, estimulados pelos mesmos brios que incitavam em geral os filhos d'esta terra a adquirirem gloria para a patria e nome illustre para si, trilharam com passo firme o caminho escabroso da arte, conquistando, n'este assumpto, para o seu paiz fóros de nação civilisada. As suas obras ahi estão espalhadas por todo o reino, para attestarem que tivemos mui distinctos architectos, e eximios esculptores em pedra, em metal e em madeira. E apontariamos do mesmo modo para um grande numero de obras excellentes de bons pintores, se o terremoto de 1755, sepultando muitas debaixo de ruinas; os restauradores ignorantes, estragando muitas mais; e, finalmente, as revoluções politicas, dando azo, pela extincção das ordens religiosas, ao extravio de outras, que tem sido exportadas para o estrangeiro, não tivessem anniquilado, ou desfigurado e desbaratado tantos quadros, com que se poderia formar uma galeria nacional de pintura, digna de ser vista e apreciada pelos homens intelligentes de qualquer paiz.

Em tempos mais recentes renovou-se o impulso dado outr'ora a favor das artes. As condições moraes e physicas da nação sob o governo del-rei D. João V e dos soberanos que lhe succederam no throno, eram muito menos favoraveis para o bom resultado de similhante impulso, do que nos reinados do mestre de Aviz e do *rei afortunado*. O oiro do Brasil não podia substituir nem compensar os estimulos da gloria e do patriotismo que, sob tão variadas fórmas repassadas de poesia, inspiravam os nossos artistas nos seculos XV e XVI.

Todavia, apesar da falta d'essas condições essenciaes, as escholas praticas, que então se crearam em edificações sumptuosas, produziram artistas de incontestavel merito nos diversos ramos da arte.

Não carecem, pois, os portuguezes de talento e aptidão para as bellas artes. O que demandam, para se distinguirem na cultura d'ellas, são os incentivos moraes e physicos que impelliram os grandes mestres por uma carreira gloriosa até chegarem ao templo da immortalidade.

Se aos nossos artistas modernos tem faltado esta condição essencialissima para os seus progressos, a muitos dos antigos, que, em razão de a desfructarem, mais se avantajaram e sobresaíram, faltou-lhes quem lhes archivasse os nomes para que a sua memoria fosse perpetuada. Por effeito d'este culpavel desleixo, possue o nosso paiz obras de admiravel primor, ignorando-se, ou sendo objecto de dúvida, o nome do artista que as executou.

É ponto duvidoso quem foi o architecto que delineou o templo da Batalha, o nosso primeiro monumento artistico, e um dos mais gloriosos padrões da nossa historia. Para se dar a Affonso Domingues a subida honra de auctor, é mister recorrer a conjecturas, auxiliando-as apenas com documentos tão pouco explicitos, que não bastam para repellir controversias.

Ha de laborar em identicas, se não maiores, difficuldades quem pretender nomear auctor ao retabulo do altar-mór da sé velha de Coimbra, a mais bella e primorosa obra de talha que ha em Portugal. O nome de *mestre Ptolomeus*, que o livro preto da sé de Coimbra assignala ao auctor da *tabula deaurata* e de um outro quadro que representa a Annunciação da Virgem, não póde pertencer ao esculptor que fez o famoso retabulo a que nos referimos. Mestre Ptolomeus era pintor. É possivel que fosse tambem entalhador, e fizesse as molduras de talha doirada para os quadros que pintou por ordem do bispo D. Miguel, reedificador da sé. Porém, vivendo no seculo XII [1], não podia ser auctor de um retabulo construido de talha doirada segundo o mais puro estilo da architectura gothica. Quanto á epocha em que foi feito, não póde haver dúvida. Ainda quando se ignorasse a data em que o estilo gothico chegou entre nós á sua maior perfeição e pureza, bastava comparar o mencionado retabulo com a egreja da Batalha para se reconhecer que são contemporaneas estas duas obras. Por conseguinte, está ainda por descobrir o nome do artista que traçou e executou tão delicada e formosa fabrica.

Nas mesmas trevas se esconde o nome do eximio esculptor a quem devemos o celebrado pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra, que é, sem questão, a peça de esculptura em pedra cinzelada em o nosso paiz com mais perfeição e excellencia de arte.

É, portanto, muito para sentir, e até muito para nos envergonharmos, que assim estejamos tão faltos de noticias positivas e authenticas, ou em tão crassa ignorancia a respeito dos auctores das tres obras mais admiraveis que possuimos em architectura, em esculptura em madeira e em esculptura em pedra.

Na falta, pois, de noticias e de documentos, forçoso é recorrer a conjecturas e considerações quando se diligenceia levantar o véo mysterioso que occulta qualquer successo, qualquer data ou nome.

Antes de averiguarmos como se chamava o artista que esculpiu o pulpito de Santa Cruz de Coimbra, é conveniente resolver se devemos attribuir uma tal obra a esculptores nacionaes. Infelizmente, não nos podêmos desvanecer com similhante supposição. Por mais que amemos a nossa patria, acima d'este affecto está o amor da verdade.

Até ao meiado do seculo XIV achava-se entre nós em grande atrazo a esculptura em pedra. Vê-se a imperfeição dos artistas não só nos poucos edificios que nos restam d'essas eras remotas, com alguma ornamentação, embora singela, mas tambem em varios tumulos. O da infanta D. Constança, primeira mulher del-rei D. Pedro I, fallecida em 1345, sendo ainda infante seu esposo, mostra grosseira esculptura, tanto nos ornatos que lhe decoram a caixa, como na incorrectissima e tosca estatua da infanta que está deitada sobre a tampa [2].

Vinte annos depois, tinha feito a esculptura mui notaveis progressos, como o attestam os ricos mausoléos da rainha D. Ignez de Castro e del-rei D. Pedro I, que se acham na egreja de Alcobaça, e que foram mandados fazer por este mesmo soberano, fallecido em 1367. Mostra bom gosto e certa delicadeza toda a obra de ornamentação, excepto as estatuas dos soberanos e as figuras dos anjos, todas as quaes carecem de correcção de desenho.

Aperfeiçoou-se muito a esculptura no reinado de D. João I, do que é prova irrecusavel o monumento da Batalha. Não se podem fazer em pedra silvas, rendas e arabescos mais delicados e graciosos que os que alli se admiram. Mas a estatuaria pouco ou nada se adiantou.

Continuou florescente a esculptura nos quatro seguintes reinados, mas na parte propriamente orna-

1 O documento em que vem citado o seu nome é do anno de 1168.

2 A infanta D. Constança jaz na egreja de S. Francisco de Santarem. Esteve depositada muitos annos no tumulo acima referido. Depois foi trasladada para o mausoléo del-rei D. Fernando, seu filho, feito com a capacidade necessaria para n'elle se accommodarem os dois caixões. Este rico mausoléo está no côro da dita egreja. O que primeiro encerrou o corpo da infanta D. Constança acha-se hoje no museu archeologico da associação dos architectos, no templo gothico do Carmo, em Lisboa.

mental. A estatuaria não deu passo algum no caminho do progresso em todo este longo periodo. O mosteiro de Santa Maria de Belem, e toda a obra feita por ordem del-rei D. Manuel no convento de Christo, em Thomar, e nas capellas imperfeitas da Batalha, abonam quanto acabâmos de dizer. Causam enlevo e admiração os brincados lavores, os rendilhados subtis, que o mais delicado cinzel, dirigido por imaginação fecunda e poetica, alli esculpiu na pedra. Porém, quanto ás estatuas que decoram esses edificios, todas, sem exceptuar uma unica, são defeituosas no desenho e grosseiras na esculptura. Peccam nos mesmos defeitos as que adornam o bello portal da egreja da Conceição Velha, em Lisboa, que já dissemos em outro volume ter servido de porta travéssa ao magnifico templo da Misericordia, fundado por el-rei D. Manuel [1].

Sendo os edificios referidos as construcções em que mais se empenhou a munificencia del-rei D. Manuel, é fóra de dúvida que n'elles se empregariam os mais insignes artistas que houvesse no paiz. Admittida esta proposição, que temos por verdadeira, deve-se tirar por conclusão que em tempo d'este monarcha os esculptores nacionaes eram mui imperfeitos em todos os trabalhos de figura, e que, durante a construcção dos ditos edificios, não veiu ao reino, ou, pelo menos, não foi empregado nas obras do estado estatuario algum estrangeiro de merecimento.

Portanto, apparecendo nos fins do reinado de D. Manuel uma obra de esculptura em pedra, qual o pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra, de grande primor artistico, e que sobresae principalmente pela belleza e perfeição das estatuas que a decoram, não é possivel attribuil-a a artistas nacionaes, dando-se ainda, para corroborar estas razões, a circunstancia de continuar a estatuaria, nos reinados que se seguiram ao de D. Manuel, no mesmo atrazo em que se achava anteriormente.

Demonstrado, pois, ao que nos parece incontestavelmente, que o pulpito de Santa Cruz de Coimbça é producção de artistas estrangeiros, resta-nos indagar os seus nomes.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Os nossos escriptores contemporaneos tem affirmado que este portico é tudo quanto resta da synagoga dos judeus, que el-rei D. Manuel converteu em templo christão, dedicado a Nossa Senhora da Conceição, doando-o aos freires de Christo em troca da ermida de Nossa Senhora do Rastello, onde fundou o mosteiro de Santa Maria de Belem. Esta opinião é inexacta, e procede da falta de conhecimento da historia d'aquelle monumento e da situação da mencionada synagoga. Sobre esta questão já escrevemos largamente no *Archivo Pittoresco*.

UM INVENTO PORTUGUEZ

I

Numerosos cidadãos portuguezes tem sido arrojados, em differentes epochas, ao exilio pelas vagas das guerras civis; antes, porém, que se manifestassem tão profundas, como se manifestaram nos ultimos tempos, as nossas dissensões intestinas, já em outros arredados haviam procurado em paizes estrangeiros a segurança, que lhes faltava no proprio, alguns varões benemeritos das letras patrias.

Foram motores da expatriação o odio dos reis, a malevolencia dos validos, e a perseguição de um tribunal truculento, que se appellidava, por antonomasia, do santo officio. Satisfez algumas vezes o sicariato a vindicta dos reis nos proprios logares em que os profugos procuraram asylo. Conformes ás normas de bom regimen se reputavam essas negociações de sangue; e os obstaculos que se julgavam empecel-o removia-os o punhal do assassino pago pela munificencia régia. Condecorou a nossa historia com o titulo de *principe perfeito* o soberano que mais amplo uso fez d'este deploravel recurso.

Outros são, felizmente, os principios do direito das gentes por que se governam as nações modernas; hoje não ha tolerar ahi as atrocidades que em seus estados consentiam os antigos dynastas, com grande quebra da propria dignidade e grave offensa da moral universal, aos olhos da civilisação hodierna.

Para evitar as sanhas da inquisição, que já outr'ora o havia perseguido, permaneceu em França, não ousando regressar á patria, o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches; e, a fim de subtrahir-se ao despotismo de um ministro, abandonou a patria e refugiou-se tambem n'aquelle paiz o padre Theodoro de Almeida: dois sujeitos venerandos por letras e sciencias, dois engenhos primorosos, de que se orgulha com justiça Portugal.

II

Sabem ainda os menos lidos em nossa historia litteraria, que o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches fôra conselheiro de estado na corte da Russia e primeiro medico dos czares. E logrando varias distincções honorificas, mereceu tambem os louvores do Plinio francez, mr. de Buffon, e os do celebre Vic-d'Azyr, havendo sido inscripto o seu nome no catalogo dos socios honorarios da academia real de S. Petersburgo, e no dos socios correspondentes da academia real de Paris e da academia real das sciencias de Lisboa.

Muitos, porém, ignorarão porventura que, depois de discorrer pelas cidades de Pisa, Montpellier, Londres e Leiden, onde ouviu os mais eminentes professores das sciencias naturaes, muitos annos residira na Russia, por fugir á perseguição que em Portugal lhe fizera o santo officio. Quando opprimido de molestias, e obrigado a procurar mais saudavel clima, quiz regressar á patria, reteve-o ainda longe d'ella o medo d'aquelle tremendo tribunal.

Resolveu fixar a sua residencia em Paris; e se, para o consolar das saudades que curtia, bastassem as estimações dos sabios e as distincções das pessoas de mais elevada gerarchia d'esta corte, cremos que n'ella podéra viver consolado; parece-nos, todavia, que as estimações e distincções dos estranhos nem valeriam sequer a dulcificar-lhe os agros do desterro, e muito menos a apagar-lhe as saudades da patria.

O marquez de Pombal, que á sciencia do dr. Ribeiro Sanches prestou respeitosa homenagem, consultando-o em importantes negocios, e nomeadamente sobre a reformação da universidade, por uma contradicção vulgar nos homens de estado, não só desprezou as grandes luzes do padre Theodoro de Almeida, mas obrigou-o a exilar-se, indo repartir com os estranhos os conhecimentos que podéra liberalisar aos naturaes.

Incorrêra no odio d'este ministro a congregação do Oratorio, e não ousando proscrevel-a, como fizera á companhia de Jesus, desembestou as suas iras contra alguns de seus membros, sendo um d'elles, e dos mais conspicuos, o padre Theodoro de Almeida.

Não podiam deixar de estimar-se os dois illustres portuguezes, Ribeiro Sanches e Theodoro de Almeida, refugiados ao mesmo tempo em França. Deviam ligal-os em estreita amizade a communidade de patria, identidade de circunstancias, analogia de estudos, em fim, aquella affinidade scientifica, permitta-se-nos dizel-o assim, que attrahe reciprocamente os sabios.

Possuimos documentos que provam estas relações de amizade. Pertenceram ao sr. D. José Valerio, bispo de Portalegre, que os guardava com grande apreço, havendo-os adquirido quando era membro da congregação do Oratorio [1].

São duas cartas autographas do dr. Ribeiro Sanches: uma datada de Paris em 26 de setembro de

1 Houvemol-os com outros por mercê do nosso amigo, o rev. sr. conego vigario geral do bispado, Manuel Teixeira de Aguiar, famulo que foi de s. ex.ª e herdeiro de seus papeis.

1774, outra datada da mesma cidade em 18 de janeiro de 1777, e ambas dirigidas para Bayona ao padre Theodoro de Almeida.

É a primeira, na maxima parte, resposta a uma consulta do illustre congregado sobre os seus padecimentos. Omittiremos esta parte, porque tem pequena importancia com relação á sciencia dos nossos dias; transcreveremos, porém, a outra parte, e integralmente a segunda carta.

São escriptas em papel ordinario e do mesmo formato, e ambas conservam o brazão d'armas, n'uma impresso em lacre preto, n'outra em lacre vermelho. É o mesmo brazão que lhe concedêra a grande Catharina II, e póde n'elle decifrar-se o principio da legenda com que a imperatriz o condecorára:

Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo
Não creu que para si viera ao mundo,
Mas sim para util ser ao mundo todo.

Nem sempre é correcta a linguagem d'estas cartas; perdoâmos, porém, de boamente esse defeito ao infeliz desterrado, que por tão longos annos se viu obrigado a fallar diversas linguas estranhas, havendo, porventura, decorrido muitos sem que ouvisse uma só palavra da materna.

Os caracteres são bellos, attestando os progressos da calligraphia n'aquella epocha.

III

PRIMEIRA CARTA

«Snr Theodoro de Almeyda — Ante ontem recebi a mui estimada carta de V M do 16 do corrente com a distinta relação das suas queyxas: como afecionado amigo e servo as quizera ver não só diminuadas, mas conforme o meu desejo totalmente curadas: mas como Medico fico de algum modo descansado, e o ficarei mais quando receber respostã a esta com as clarezas que pesso nesta.

. . . .

. . . .

«Sabemos aqui de certo que o Nosso Monarcha nem vai ver Touros, nem que vai a cassa (ou caça): Sabemos que toma os Banhos das Alcaçarias; e no mais *altum silentium*, como he lei das cortes; quem ali adoeceo, sempre vai melhor ate hum certo dia... Deos omnipotente lhe dê a saude necessaria para ter cuidado dos seus povos!

«Tenho retardado resposta ao Estudante Palhares; estive molestado, e não fico são, nem com vigor: o servirei no que pertende como Portuguez do tempo velho, e por me figurar que sera util a áquella terra, e a humanidade.

«Admirome que nessa péstifera doença dos gados não tenha o Parlamento dessa Provincia tomado as medidas necessarias para abrandala, ou extinguila: hoje em Hollanda se descobrirão alguns meyos efficazes.

«Queyra Deos que V M consiga a venda das suas machinas no Ferrol, e que esse Amigo se conserve, e que esteja em estado de as comprar.

«O Nosso Flamengo na lida de sua Bibliotheca a Deos graças vive com saude; o que me dá muita satisfação.

«Alegrome que V M tomou a resolução de occupar o pensamento no trabalho divertido de fazer thermometros e barometros, e essa Carta Geographica em madeyra (idea nova e curiosa para ensinar um cego); V M tãobem le por pausas, e quer começar hũa camara obscura.

«Est modus in rebus... ainda este trabalho não ha de ser que curar o enfado de estar so e de não conversar; mas se o juizo e a applicação, combinando e tirando consequencias materiaes, se engolfa nestes objectos, para perto se mudou V M; assim lhe pesso que vegete agora a mayor parte da vida; fassa o seu possivel para não esfriarse e ter sempre o seu corpo na mesma temperatura: porque vem o inverno, os ventos, os nevoeyros, etc.

«Espero que V M me de noticias que me consolem, que são aquellas que não sente a minima molestia: e fico no entretanto as suas ordens com a mais prompta vontade para obedecerlhe. Deos guarde a V M muitos annos. Paris 26 de Setembro de 1774. — De V M — mui fiel e obrigado servo e venerador — *Antonio Ribeiro Sanches*.»

Sobrescripto — «*A Monsieur — Monsieur l'Abbé d'Almeida — Bayonne*.»

Com a marca do correio *Paris*.

SEGUNDA CARTA

«Snr Theodoro de Almeida — Recebi a mui estimada carta de V M de 31 de Dezembro passado, no tempo que estava bem doente de hũa violenta e rebelde tosse que continua ainda, mas mais supportavel, e começo a sahir fora de casa. Alegrome que V M viva com aquella saude que sempre lhe dezejo, e dezejo na continuação deste anno e muito mais com aquella paz de alma que ninguem conhece senão quem a possue e a entende: He verdade que montar a cavallo he hum remedio; mas fazer jornadas longas a cavallo he triplicado remedio; mayor diversidade de objectos, de alimentos, agoas, ares differentes... teve V M occasião de gozar destes beneficios para fortificar a sua saude do que me alegro e felecito a V M.

«Estimarei que V M tirasse o lucro que esperava da lotteria do Planetario: fico contente que hum seu Discipulo sahisse premiado com elle, e que possa ser util á sociedade Vascongada; porque penso que se devia começar o estudo da Fisica pello da Astronomia: Mas vejo que em Castella ainda estão ligados com as correntes da Fisica dos Conventos, Thomistas, Scotistas, Reaes Nominaes e Integraes: Quando se acabará tanta parvoice fradesca?

«Aqui não chega nenhũa noticia clara do estado da corte de Portugal: Sabese que ElRey esta hemipletico, mas com algũa melhora; que a Sñra Rainha he Regente; que alguns dos Amigos do Ministerio ou estão *arrufados*, ou *baralhados*: Não me atormento para saber a verdade: Se viver tudo se saberá, e queyra Deos que com alegria.

«Do nosso Flamengo não tenho noticia depois de algumas semanas; espero receber delle boas noticias como dezejo.

«De Almeida Palhares que estuda em Montpellier tive noticias; esta determinado a ir para Portugal pello mes de Março que vem; e eu sou desse parecer; porque ir a Edimburgo he ja tarde; requer dinheyro bastante aquella Universidade, e ficar ali dois annos para fallar Ingles; porque as liçoens se dão nesta Lingoa. Deos lhe de bom successo!

«Fico as ordens de V M sem cerimonia, e tomara serlhe util para persuadilo que o venero e que o amo. Deos guarde V M muitos annos. Paris 18 de janeiro 1777. — De V M — mui certo e mui obrigado criado — *Antonio Ribeiro Sanches*. — Rue de Blancs Manteaux.

«*P. S.* — Q...: Que casta de gente se prende pella Inquisição de Castella? São Deistas, Atheistas, Judeos, Mouros, Calvinistas, ou Feyticeiros, etc.? aqui essas prizoens fazem estrondo, e pasmo.»

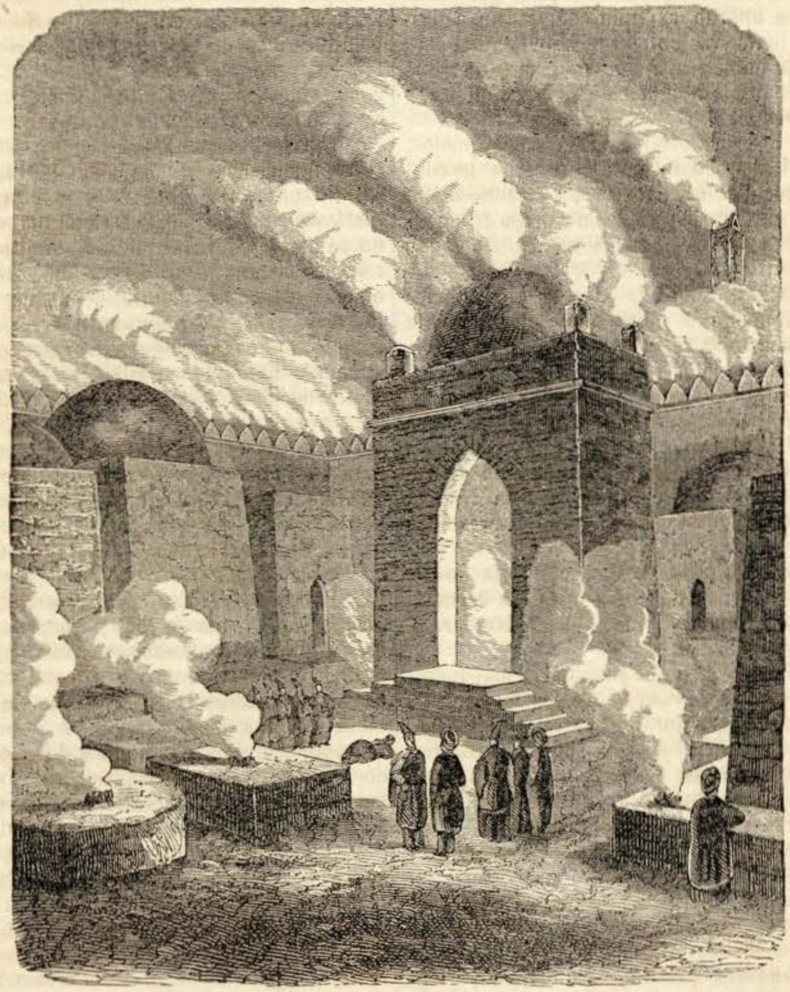
O mesmo sobrescripto e a mesma marca do correio da carta antecedente.

(Continúa) F. A. Rodrigues de Gusmão.

TEMPLO DO FOGO, EM ATESH-GAH

Na provincia de Chirvan, junto da costa de oéste do mar Caspio, em uma peninsula chamada Apscheron, está situada a pequena cidade russa de Bakou, contendo uma população de 6:000 almas. É uma forte praça de guerra, e tem o melhor porto do mar Caspio, muito frequentado por ser alli o commercio florescente, e muito importante, sobre tudo, com Astrakhan, grande cidade e principal emporio commercial da Russia européa, edificada em uma ilha d'aquelle mar.

A cidade de Bakou foi séde de um soberano independente, que dominava no Chirvan, com o titulo de *khan*. Vencido pelos persas, ficou sendo vassallo do seu rei até ao anno de 1723, em que, vencida, a seu turno, a Persia pelos russos, apossaram-se estes de todo o Chirvan. Correndo o anno de 1735, ateou-se de novo a guerra entre a Persia e a Russia. Decidiu-se a victoria em favor da primeira, que recuperou a provincia perdida. Rompendo outra vez a lucta entre as duas potencias no principio d'este seculo, a sorte das armas por tal modo foi contraria á Persia, que esta nação viu-se obrigada a comprar a paz a troco



Templo do Fogo, em Atesh-Gah

de grandes sacrificios pelo tratado de Goulisthan, em 1813. A provincia de Chirvan foi então cedida definitivamente á Russia.

Nos arrabaldes de Bakou ha uma curiosidade natural que tem dado a esses logares grande celebridade. Existe alli um pantano sobre o qual se vêem constantemente mil chammas de côr azulada, que brilham de noite como um mar de fogo. Este phenomeno, que é o resultado da evaporação de um gaz produzido pela muita quantidade de naphta que alli existe, o qual se inflamma ao contacto do ar, attrahe a este sitio numerosa concurrencia de gente. Não se julgue, porém, que são curiosos que vão observar e admirar tão singular e vistoso phenomeno. Compõe-se de peregrinos toda essa multidão, que alli afflue de distantes partes da Asia para se prostrar em adoração diante d'aquelle fogo eterno.

Não julgando bastante esta homenagem ao que olham e acatam como personificação do Creador, fundaram os adoradores do fogo n'aquellas visinhanças, em um logar denominado Atesh-Gah, um templo, onde, por sua devoção e cuidados, estivesse alimentado o fogo perennemente.

Foram os guebros e os parsis, principaes tribus que seguem o culto do fogo, os edificadores do templo. Junto d'elle construiram um convento, onde vivem os sacerdotes encarregados de velarem pela conservação do fogo sagrado.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O orvalho é o Protheo da natureza, que nas mais raras producções se transforma: nas açucenas se faz candido, encarnado nas rosas, nos amarantos purpureo; em conchas do mar se faz perola, nas uvas nectar, mel nas abelhas, etc. D. RAPHAEL BLUTEAU.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 98)

III

Em principios do anno de 1859 publicou em o *Archivo Rural* o sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, redactor d'aquelle periodico, dois excellentes artigos sob o titulo: *As pescarias em Portugal* [1].

No primeiro, depois de mui sensatas considerações ácerca da importancia da industria piscatoria e da protecção que merecem os que a ella se dedicam, menciona o facto de nos assistirem todas as condições para o estabelecimento d'aquella industria [2]; memora o grande florescimento das nossas pescarias em outros tempos; indica a epocha em que começaram a descair; historía as tentativas do marquez de Pombal para restaural-as, e o inquerito a que as cortes de 1821 mandaram proceder para se investigar a profundeza e origem d'aquelle mal.

Aproveitando-se de alguns factos bem averiguados, na falta de estatisticas competentes e dignas de confiança, procura n'aquelle artigo o sr. conselheiro Moraes Soares determinar as causas da antiga decadencia das nossas pescarias e o estacionamento em que estão ha bastante tempo.

No segundo artigo, referindo-se o sr. conselheiro Moraes Soares á memoria sobre o mesmo assumpto publicada pelo academico José Joaquim Soares de Barros [3], diz que «abundando nas idéas de Barros pretendeu dar-lhes corpo e fórma nas bases de uma lei, que depois deverá ser desenvolvida em regulamentos especiaes»; e, sem se demorar em defender cada uma das bases do seu projecto, insiste apenas em justificar o augmento do imposto e o da verba da despeza para organisar um ramo especial da administração das pescarias.

Desenvolvendo estes dois pontos, e depois de ter affirmado que a industria da pesca deve em Portugal produzir annualmente mais de 2.000:000$000 réis, accrescenta o illustrado escriptor:

«Uma industria que dá estes resultados não merecerá a pena de se collocar em condições favoraveis?

«Mas ha mais a dizer. As nossas costas maritimas affluem [4] as mais preciosas especies de peixes e mariscos, e se nós seguirmos o exemplo que nos estão dando as nações mais illustradas, a que ponto não poderá subir a nossa riqueza ichtyologica?»

A estas tão prudentes observações accrescentou o sr. Moraes Soares um rapido esboço da historia da piscicultura [5], que termina com as seguintes palavras, tanto mais dignas da attenção dos poderes publicos, e mesmo dos individuos que quizessem emprehender a criação e multiplicação dos peixes, quanto partem dos labios de um homem competentissimo n'este como em outros assumptos:

«Quem sabe o que se está fazendo em outros paizes (falla o sr. conselheiro Moraes Soares), quem conhece as disposições naturaes de Portugal, que são as mais aptas para todos os desenvolvimentos da industria da pesca e da propagação artificial dos peixes, sente-se repassado de amarguras observando a indifferença com que os nossos homens de estado olham para as coisas mais sérias e uteis. As lagôas de Albufeira, Obidos e outras não se prestavam, bem como os nossos maiores rios e ribeiros, á fundação artificial das melhores especies de peixes? A ria de Aveiro não terá todas as condições para alli se fundar um estabelecimento de pescaria como o de Comachio?

«Tomem-se em conta todas estas considerações, e digam-nos se merecerá a pena de gastar trinta e tantos contos de réis para dar um impulso regular e permanente a um complexo de industrias que, bem dirigidas e exploradas, podem constituir copiosas fontes de riqueza publica.»

Segue-se ás considerações de que copiámos o periodo antecedente, um projecto de lei, que, obrigados pela estreiteza do espaço, não transcrevemos, mas cuja leitura recommendâmos, fazendo votos para que seja convertido em lei, ou pela iniciativa do governo ou de qualquer representante do povo.

No projecto a que nos referimos está expressamente determinada a introducção em Portugal da piscicultura. No artigo 1.º lê-se: «As pescarias, as salinas, a *piscicultura* e as industrias que immediatamente d'estas se derivam, constituirão de ora em diante um ramo especial de administração publica, subordinado ao ministerio das obras publicas, commercio e industria.» No artigo 5.º determina-se a creação de uma caixa central do melhoramento das pescarias e industrias annexas, parte de cujo fundo se estabelece que seja destinado para compra de barcos e apparelhos de pesca, para melhoramentos dos portos, para *ensaios de piscicultura* e aperfeiçoamento dos processos da preparação do peixe, conforme o que for mais conveniente. No artigo 12.º, em que concede auctorisação ao governo para decretar os regulamentos necessarios para a execução e desenvolvimento das bases da lei, declara-se que um dos fins a que tenderão será: *introduzir e vulgarisar no paiz os melhores methodos de piscicultura, a fim de povoar as nossas lagôas e rios das mais estimadas especies de peixes.*

Já lá vão nove annos que a voz auctorisada do sr. conselheiro Moraes Soares recommendou, entre outros muitos melhoramentos relativos ás pescarias, a introducção e vulgarisação no paiz dos melhores methodos de piscicultura, e, louvado Deus! só teremos a consignar tentativas de alguns cavalheiros que, por falta de condições favoraveis, não conseguiram os resultados que os piscicultores estrangeiros tem obtido.

Salvo o erro, foi o nosso amigo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva a primeira pessoa que em Portugal tentou a multiplicação artificial de salmões e trutas.

Em 1856 mandou o sr. Narciso da Silva vir de França o *Tratado de piscicultura* de mr. Coste, recentemente publicado, e diligenciou obter do ministro de agricultura, commercio e obras publicas d'aquelle paiz a permissão para lhe serem fornecidos do estabelecimento de Huningue os ovos fecundados, a fim de verificar se se desenvolveriam sob a influencia do clima de Lisboa. Foi graciosa e promptamente attendido, e expedida a ordem para que se satisfizesse a sua requisição.

De dezembro de 1857 a março de 1864 foram enviados ao nosso amigo 106:500 ovos fecundados de differentes especies, a saber: salmões do Rheno, 54:000; salmões do Danubio [1], 500; trutas do lago de Genebra [2], 7:500; trutas vulgares, 11:500; trutas salmonadas [3], 4:500; *ombrina Chevalier*, 8:500; fera [4], 20:000.

[1] É o *Archivo Rural* um dos mais serios e bem redigidos periodicos scientificos portuguezes que conhecemos. Sentimos que não ande nas mãos de todos, principalmente dos habitantes dos campos, que n'elle encontrariam muita e muitissimo util lição.

Os artigos a que nos referimos vem a pag. 509 e 533 do vol. I.

[2] Não ha contradicção entre o que o sr. Moraes Soares diz da abundancia das melhores especies de peixes nas costas e rios de Portugal, e o que dissemos da mingua de pescado que desde certo tempo se está sentindo. Ha nove annos é que o sr. Moraes Soares escreveu, e de então para cá o facto que asseverámos tem-se dado.

[3] *Memorias economicas da academia real das sciencias*, tomo I.

[4] N'este logar refere-se o auctor do artigo que extractâmos a uma *Nota indicativa das principaes especies e variedades de peixes e mariscos, que se pescam na costa maritima e rios do continente do reino de Portugal*, a qual trasladou do *Ensaio sobre a topographia medica de Lisboa*, publicada em 1843 pelo dr. F. I. dos Santos Cruz.

[5] Podem ler-se alli mais alguns promenores sobre a historia da piscicultura, os quaes não mencionâmos no logar competente por não termos a tempo noticia d'elles.

[1] São reputados os melhores.

[2] Idem.

[3] Parece ao sr. Narciso da Silva que é esta especie a que nunca vinga no nosso clima.

[4] Os peixes provenientes da evolução d'estes ovos são destinados a servirem de alimento ás outras especies.

Só a quarta parte, se tanto, dos ovos acima indicados chegou a Lisboa em estado de poderem servir para as experiencias. Os outros estavam corrompidos.

Os apparelhos de que o sr. Silva se servia eram tanques de pó de pedra dispostos em fórma de escada. Os ovos tinha-os sobre laminas de vidro. Para conservar mais baixa a temperatura da agua, durante os mezes calmosos, empregava o sr. Silva o gelo.

Nasceram os peixinhos; mas, baldados todos os cuidados, morreram aos cardumes. Para evitar que perecessem todos, solicitou o sr. Narciso da Silva del-rei a permissão de transportar alguns para os lagos da real quinta de Cintra.

Foi isto em 1861.

Collocados alli, sob a vigilancia de um empregado, esperou o sr. Silva que vingassem, por isso que a temperatura era menor que a do local onde, em Lisboa, tinha começado as experiencias, e a agua abundantissima. Não sendo, porém, aquellas duas circunstancias as unicas indispensaveis para o desenvolvimento dos peixes, e tendo-se o encarregado do viveiro descuidado, como suppõe o sr. Silva, de sustentar convenientemente os peixitos e de mantel-os nas condições de aceio de que se não póde prescindir, foram pouco a pouco morrendo, e em breve se extinguiu a nova geração.

Durante uma viagem que o sr. Narciso da Silva fez pelas provincias do norte, diligenciou vulgarisar os processos da piscicultura, e decidir varios cavalheiros a que se dedicassem a este ramo de estudos. Parece, porém, que não conseguiu o que desejava.

Em dezembro de 1860 começou o nosso amigo o dr. Joaquim Eleuterio Gaspar Gomes, distincto professor do instituto geral de agricultura, a fazer alguns ensaios de multiplicação artificial de peixes na quinta da Bemposta, annexa ao instituto.

Propozera-se o intelligente professor não só estudar praticamente a fecundação e criação artificial dos peixes, mas seguir e estudar o desenvolvimento embryogenico como objecto de demonstração das lições de zootechnia.

Obtidos do estabelecimento de piscicultura de Huningue os ovos fecundados, dizpozera na quinta da Bemposta o apparelho de incubação, feito segundo o modelo do que ha no collegio de França; annexa a este apparelho fizera construir uma piscina, na qual os peixes recem-nascidos deveriam estar por algum tempo, até poderem ser lançados no grande lago, ou em qualquer outra parte, onde achassem as condições proprias para se desenvolverem.

O salmão do Rheno e do Danubio, a truta dos lagos e a truta salmonada foram as especies que o sr. dr. Gaspar Gomes preferiu para os seus ensaios [1].

No primeiro anno perdeu todo o trabalho. A maior parte dos ovos chegaram a Lisboa alterados, por ter sido muito demorada a viagem. Os poucos peixinhos que nasceram, ao desapparecer a visicula umbilical foram-se. Attribue o sr. dr. Gaspar Gomes aquella mortandade ao extraordinario desenvolvimento e propagação de um *bissus*, que se manifestou nos ovos e depois nos peixes.

No segundo anno salvaram-se mais de trinta salmões e algumas trutas, que, obliterada a visicula umbilical, foram passados para a piscina e alli convenientemente alimentados. Além dos ensaios indicados, applicou-se o sr. dr. Gaspar Gomes á fecundação dos ovos de outras especies ichtyologicas. Quaes ellas foram e quaes resultados obteve não podêmos agora dizer [1].

Tencionava o digno professor proseguir em tão uteis estudos e dar-lhes mais desenvolvimento, quando se viu forçado a terminal-os, tirada a quinta ao instituto.

Na sua bella quinta de Cintra tentou o sr. duque de Saldanha fazer a criação artificial de peixes. Para conseguir a realisação do seu empenho, mandou construir uma excellente piscina, e mandou vir de Italia um sujeito habilitado n'aquella especialidade para dirigir os ensaios [2].

Diz-nos pessoa muito competente que não só é muito entendido em piscicultura o individuo que o sr. duque de Saldanha encarregou d'aquelles trabalhos em Cintra, mas tambem que tudo alli está bem disposto.

A primeira remessa de ovos fecundados que de França vieram para o sr. duque foi de 20:000. Vingaram alguns milhares de peixes, e alguns attingiram consideravel desenvolvimento. Alimentaram-n'os com figado de boi. Chegados a certa grandeza, foram passados para um grande tanque, onde ainda por algum tempo se lhes administrou o primitivo alimento.

N'aquelle tanque viu o sr. dr. Gaspar Gomes alguns salmões que pesariam um ou dois kilos. Parece, porém, que posteriormente morreram todos. Já este anno (1868) vieram de França ovos que se desenvolveram. Os peixes, segundo informações que nos deu o nosso bom amigo sr. Silva, estão bem dispostos.

As tentativas feitas pelo sr. duque de Saldanha para obter peixes para fecundação artificial, parece não poderem servir de modelo de uma exploração industrial, por muito dispendiosa.

Tambem nos consta ter o sr. marquez de Niza, em 1867, tentado alguns ensaios de piscicultura com ovos vindos de França. Infelizmente, goraram todos.

É o que sabemos feito em Portugal relativo á piscicultura.

(Continúa) SOUSA TELLES.

GELLERT

(Vid. pag. 131)

III

O livro de Gellert tornou-se o *Livro do povo*. Todos sabiam as suas fabulas de cór. E até havia quem não se entregasse a outra leitura.

Um dia de rigoroso inverno e copiosa chuva, parou á porta do escriptor popular um aldeão com o seu carro. O aldeão subiu, perguntou pelo *senhor que fazia lindas fabulas*, agradeceu a Gellert o prazer que lhe dava o seu livro, e pediu-lhe que acceitasse uma carga de lenha que fôra buscar com essa intenção.

Outra vez, estando o poeta em casa do seu encadernador, viu entrar um rachador, que tirou do cabaz, cheio de objectos estranhos á litteratura e á poesia, um exemplar das *Fabulas e contos*. O encadernador, que conhecia o pobre homem, perguntou-lhe como tinha comprado o livro.

— Ora essa! disse elle, comprei-o com o meu dinheiro, depois de ver que o bailio e o mestre de eschola da minha aldeia tinham um egual, que liam com alegria, porque lhe achavam pilheria. Tenho um

1 O estabelecimento de Huningue manda gratuitamente os ovos fecundados ás pessoas que os requisitam; pela embalagem e pelas instrucções tambem se não exige quantia alguma. Só se paga o transporte pelos caminhos de ferro ou pelos paquetes.

Disse-nos o sr. dr. Gaspar Gomes que é digno de especial menção o modo como em Huningue se fazem todas as operações relativas á remessa dos ovos dos peixes; revelando-se na execução d'ellas o melhor methodo e arranjo, consequencias da intelligencia e acerto com que é dirigido aquelle estabelecimento.

1 Além dos ensaios de piscicultura, fazia o sr. dr. Gaspar Gomes, na quinta annexa ao instituto, ensaios de acclimação da cochonilha e da criação de sanguesugas. Em 1859 conseguira que os insectos, tendo passado por diversos graus de acclimação, supportassem os rigores do inverno ao ar livre. No terreno onde agora se levanta o hospital Estephania havia disposto uma bella nopaleira, com as tres especies de cactos, *opuntia brasiliensis*, *vulgaris* e *coccinellifer*.

Em 1861 mandou o sr. dr. Gaspar Gomes á exposição industrial do Porto dois vasos com folhas de cactos cheias de insectos, e com alguns ninhos.

2 Consta-nos que o piscicultor do sr. duque de Saldanha foi por s. ex.ª mandado a França estudar a arte de produzir artificialmente os peixes, para depois vir para Cintra.

rapaz que principia a ler, e, como de certo lerá isso aos serões, deixarei de ir á taberna... Parece-me, porém, que o que fez o livro m'o vendeu caro.

— O que vendeu o livro, meu amigo, interrompeu o encadernador, não foi quem o fez, porque só é negociante.

— Pois se o soubesse não o teria pago tão caro! respondeu o rachador.

— E a prova é que está aqui o auctor, accrescentou o encadernador, apresentando Gellert.

Eram dignas de ver-se a admiração do rachador e o modo como elle pretendia animar o auctor, dizendo-lhe que continuasse a escrever coisas alegres e moraes, e batendo-lhe com familiaridade no hombro.

— Desejo, dizia Gellert repetidas vezes, ser util aos homens em geral, e não aos sabios propriamente ditos, porque estes não carecem de mim. O homem mais humilde merece que eu trate de captivar-lhe a attenção e contribua para distrahil-o; merece tambem que estude para lhe dizer verdades uteis, e excitar-lhe na alma bons e honrados sentimentos.

Embora tivesse repetidamente, em innocentes satyras, censurado os defeitos do bello sexo, as mulheres, comtudo, recebiam-n'o bem. E a prova estava em que as leitoras o mandavam comprimentar, já por meio de bilhetes, já por meio de terceiras pessoas, e de vez em quando tambem lhe endereçavam cartinhas pedindo-lhe conselhos. Gellert constituíra-se, pois, pela natureza do seu caracter e do seu talento, um director litterario e moral, e por isso mantinha extraordinaria correspondencia com diversas pessoas.

As raparigas perguntavam-lhe qual era a leitura mais proveitosa para o coração e para o espirito; se em logar de se dedicarem á leitura, deviam entregar-se exclusivamente aos cuidados domesticos; se a solidão e o distrahirem-se com os proprios pensamentos era preferivel á frequencia no mundo; se, apesar do prazer que havia em se corresponderem com as amigas, havia n'isto coisa reprehensivel ou perda de tempo; se, n'este caso, deviam limitar-se ou absterse inteiramente; e mil outras perguntas d'este genero.

Gellert, bom, humano, amavel, cortez, respondia a tudo; não recusava conselhos nem aos moços, nem aos anciãos, nem ás mulheres, nem aos homens.

Os paes perguntavam-lhe ácerca de quem deviam escolher para ensinar seus filhos; e as mães interrogavam-n'o relativamente á educação de suas filhas. A todos fallava verdade inteira. «A educação particular, escrevia, não é coisa facil, porque n'ella ha mil estorvos... O mundo não é bom sempre. Vemos constantemente os mesmos objectos, e, assim como somos pouco observados, tambem observámos pouco os outros. Concentrados na familia, deixâmo-nos dominar pela indolencia e tornâmo-nos em tudo sobejamente uniformes. Em nossa casa costumâmos mandar antes de saber obedecer, e d'este modo não aprendemos a mandar nem a obedecer!»

Gellert respondia a uma senhora, sob a fórma de um paradoxo:

«Pede-me que escreva alguma coisa para incitar as mães a que sejam solicitas na educação de suas filhas. O pedido é justo; porém não julgo que seja ouvida a minha voz. Supponha que as mães seguem os meus conselhos, e dão ás filhas esmerada educação, e lhes ensinam ou mandam ensinar a fallar e a pensar, assim como a coser, a bordar, a varrer e a fazer a comida: que resultaria d'ahi? Sobre cem meninas, dez apenas acharão maridos, e d'essas dez só duas, quando muito, serão felizes.

«Em quanto os homens de outro modo para nada serviam, minha senhora, seria grandissima desgraça se todas as raparigas tivessem exaggerada instrucção. Succederia que, ou os homens não as quereriam por causa da superioridade que viam nas mulheres, ou as raparigas, se se adoptassem os meus conselhos, recusariam os homens que lhes fossem muito inferiores. O amor, minha senhora, não póde existir sem uma especie de equilibrio intellectual. Que as mulheres se elevem, pois, sem inconveniente cultura, a fim de que possam agradar a seus futuros maridos! Conseguir-se-ha já muito se em cada nação houver cuidado em educar convenientemente certo numero de meninas, inspirando-lhes o gosto do bom e do bello, tornando-as amaveis e sensiveis, e boas donas de casa, a fim de que os homens intelligentes e probos encontrem mulheres que tragam a alegria e a felicidade ao lar domestico.»

As suas leitoras e admiradoras enviavam-lhe de vez em quando incognitamente notaveis testimunhos da sua gratidão.

Um dia recebeu uma pequena caixa, especie de cartonagem de pharmacia ou confeitaria, cujo rotulo indicava um medicamento ou perfumaria; abriu-a e viu-a cheia de luizes de oiro. Ficou, como deve suppor-se e era proprio do seu caracter, muito enleiado em presença do dinheiro, cuja procedencia ignorava.

Outra vez, uma senhora desconhecida de Brandeburgo brindou-o com duzentos escudos.

Sabiam todos que o professor Gellert não era rico; mas tambem era notorio que a sua modestia estava á altura do seu merecimento. Elle recebia uma pensão modica, e um dos seus protectores quiz accrescental-a. Gellert escreveu-lhe o seguinte:

«A pensão que me destinam é mais consideravel do que pensava, e asseguro-lhe que só hontem é que soube que se elevava a quatrocentos e oitenta e cinco escudos. Não desejo tanto, meu caro conde, e por isso não devo acceital-a. Bem sabe que ha dez annos recebo, por deliberação da corte, uma pensão de cem escudos; ora, se ajuntasse as duas pensões, receberia annualmente quinhentos e oitenta e cinco escudos. É muito, e mais do que desejo. Com tal somma poder-se-hia dar outra pensão a algum homem de letras, e ainda me restaria bastante. Julgo, portanto, que é conveniente limitar a pensão a quatrocentos escudos, porque d'este modo ainda teria mais trezentos escudos que o que recebo até hoje; e, se a Deus não aprouver que me torne absolutamente inhabil para o trabalho, esta quantia é muito sufficiente para mim, e de certo poderei fazer bem a pessoas mais pobres que eu.»

Gellert levava a generosidade até o ponto de indicar os homens illustres ou litteratos aos quaes se deviam distribuir os cento e oitenta e cinco escudos que tinha escrupulo de acceitar.

Gellert tinha poucas necessidades. Que é preciso ao poeta? O espectaculo da natureza e alguns livros escolhidos; deve ser feliz, e mais que muito se conseguir gozar a sua felicidade.

(Continúa)

Fazer cada um o seu officio é maxima importantissima, assim ao bem publico como ao particular; porque conserva a ordem, dirime as competencias, e confedera os titulos de justiça com os da caridade. Quando, em uma galé vogando, cada remeiro não desampara o seu remo, então navega mais veloz e mais serena. Quando no instrumanto musico cada corda faz o seu officio, então está perfeitamente temperado; e no corpo humano, se cada membro exercita sua funcção propria, então logra perfeita saude; porque os ceos, astros e elementos acodem fielmente aos officios que o Supremo Senhor lhes distribuiu no principio de sua creação, persevera em sua conta a republica da natureza e a machina do universo.

Bem disse Elredo, que metter-se o sacerdote nos negocios seculares, e o rei nos espirituaes, seria o mesmo que o sol e a lua trocarem os officios, presidindo o sol á noite e a lua ao dia. P. Manuel Bernardes.